

ALÉM DAS PALAVRAS A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL¹

Glaucia Maria Ferreira Furtado,² Araçatuba

gluciafurtado5@gmail.com

Resumo

Ao pensar sobre o tema do Webinar “Psicanálise: uma utopia? Um ateliê”, a autora é reportada para a vivência impactante que teve com a leitura dos livros *Os ensinamentos da loucura* e *A volta do filho Pródigo* que possibilitaram uma experiência emocional, que a arte e a literatura podem gerar.

Palavras-chave: experiência emocional, intimidade, psicanálise, arte, literatura

Beyond Words. The emotional experience

Abstract: When thinking about the theme of the Webinar “Psychoanalysis: a utopia? An atelier”, says the author for the impactful experience she had with the reading of the books “The Teachings of Madness” and “The Return of the Prodigal Son”, which enabled an emotional experience, which art and literature can generate.

Keywords: emotional experience, intimacy, psychoanalysis, art, literature

A arte surge com base em uma necessidade interior, em buscas emocionais, espirituais e desejos que se apresentam de maneira pessoal e se manifestam nas formas de expressão simbólica de uma produção artística, ou seja, as grandes criações de arte encenam algumas de nossas mais profundas e íntimas intuições e representações pessoais. Ao pensar sobre o tema “Psicanálise: uma utopia? Um ateliê?” me lembrei do livro *Os ensinamentos da loucura*, de Heitor O’Dwyer de Macedo, no qual o autor retrata, de forma clara, a intensa experiência emocional que teve com a leitura das obras de Dostoiévski:

Meu contato com Dostoiévski data de várias décadas. Eu tinha catorze anos ... Os exemplares dos livros eram de formato bem grande com letras enormes. Cada volume, portanto, impressionava pelo tamanho e peso. Uma espécie de caixote que eu contemplava sempre com emoção e respeito. E orgulho. Orgulhoso de sentir tamanha emoção, de poder contê-la, cultivá-la. Ainda hoje, a lembrança intacta

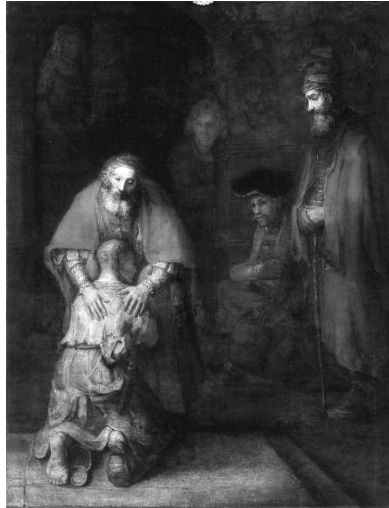
- 1 Este texto e os seguintes foram apresentados no Webinar da Diretoria Regional da SBPSP “Arte e psicanálise: uma utopia? Um ateliê?”, em 22/10/2022.
- 2 Membro efetivo, docente e diretora regional da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Membro efetivo, docente com funções didáticas do Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região).

daquela experiência totalmente nova, inaugural, me comove e apazigua. ... O tamanho e o peso dos volumes contribuíam certamente para esse apaziguamento. Presença de um outro. Cercado por aqueles livros ... sentia o imenso orgulho daquele elo íntimo com um pensamento, elo que me possibilitava reconhecer uma intimidade, intimidade que me separava, separava, separava de tudo o que me atravancara e me atravancava ainda. Aquela intimidade dava forma à minha solidão, solidão em que era bom estar. Contemplando aqueles livros, comovido e respeitoso com o presente que a vida me dava, eu tinha a convicção absoluta de que eles haviam sido escritos para mim, primeiramente para mim. ... Não eram um segredo, mas eram meu segredo. (Macedo, 2014, pp. 1-2)

O autor fala de forma brilhante e rica sobre a experiência emocional da constituição de uma intimidade construída, inicialmente com os livros e que, aos poucos, transformou-se em vivência emocional de intimidade consigo mesmo. A experiência de intimidade não precisa ser necessariamente com uma pessoa, mas envolve um outro objeto e uma relação emocional “encarnada”, verdadeira, fundante enquanto formação de uma base, alicerce emocional que nos constitui e permite estarmos acompanhados de nós mesmos. Intimidade é a qualidade de ser íntimo, é ter contato com o interior de si mesmo ou do outro. Foi essa a experiência emocional que vivenciei na leitura dessas palavras, um momento impactante, de intensidade e intimidade emocional semelhante à que sinto quando tenho contato com algo criativo, estético, que impacta positivamente, e provoca uma maior aproximação com o objeto e comigo mesmo, assim, sinto-me mais viva e plena.

Ao abordar o tema “Arte e psicanálise: uma utopia? Um ateliê?”, falamos dessa experiência emocional. A arte está presente na psicanálise, de Freud até os dias de hoje, na maioria dos autores e pensadores psicanalíticos, pelo fato de os artistas terem a refinada habilidade de compartilhar com os outros sua sensibilidade, sua forma de apreender o mundo externo e a vida, o que possibilita o desenvolvimento e a expansão do mundo interno das pessoas que se dispuserem a entrar em contato com suas obras. Podemos pensar que, a partir desse ponto de vista, na intimidade e reserva de seu consultório, em contato íntimo com seu paciente, o analista tem funções semelhantes às dos artistas no sentido de mobilização, percepção e contato com as vivências dos analisandos, com base na experiência emocional suscitada nesses encontros, nesses ateliês psicanalíticos. O psicanalista busca nas artes as referências simbólicas que permitem ler, ouvir, enfim, sentir seu analisando, para que eles possa viver legitimamente a experiência de ser visto, na tentativa de criar condições para

o ajudar a se conhecer e se reconhecer para poder Ser. Outra leitura que me tocou profundamente foi *A volta do filho pródigo*, de Henri Nouwen, retratando sua impactante experiência emocional quando deparou com a imagem de *A volta do filho pródigo*, quadro de Rembrandt.



A volta do Filho Pródigo (1667)
Rembrandt van Rijn (1606-1669)
Museu Hermitage, St. Petersburg (Rússia)

Quando vi o quadro pela primeira vez ... Sentia-me tão cansado que mal podia andar. Sentia-me angustiado, só, inquieto e muito carente. Durante a viagem agira como um defensor da justiça e da paz, capaz de enfrentar sem medo o mundo sombrio. Concluída a jornada, senti-me como uma criança enfraquecida que quer se aninhar no colo da mãe e chorar ... Foi nesse estado de espírito que deparei pela primeira vez com *A volta do filho pródigo*, sob a forma de pôster... Meu coração saltou no peito quando o vi. Depois dessa viagem tão desgastante, tudo o que eu poderia querer estava contido no carinhoso abraço de pai e filho. Muita coisa aconteceu nos meses e anos que se seguiram. Mesmo tendo me livrado daquele cansaço extremo e voltado à vida de ensino e viagens, o abraço de Rembrandt ficou impresso na minha alma. Esse pôster retratava um homem envolto num amplo manto vermelho tocando afetuosamente o ombro de um jovem andrajoso, ajoelhado diante dele. Eu não conseguia desviar os olhos do quadro. Senti-me atraído pela intimidade entre os dois personagens; o vermelho cálido do manto, o amarelo dourado da túnica do rapaz, e a luz misteriosa envolvendo a ambos. Mas, acima de tudo, foram as mãos – as mãos do homem idoso –, e como elas tocavam os ombros do jovem, que me sensibilizaram como jamais acontecera... (Nouwen, 2008, pp. 9-11)

Tudo começou com as mãos. As duas mãos são bem diferentes. A mão esquerda do pai tocando o ombro do filho é forte e musculosa. Os dedos estão bem abertos e se estendem sobre boa parte do ombro e costas do filho pródigo. Posso sentir uma certa pressão, especialmente no polegar. A mão não parece somente tocar, mas, com sua força, também sustentar. Muito embora haja delicadeza na maneira com que o pai com sua mão esquerda toca o filho, não é sem um firme envolvimento. Como é diferente a mão direita do pai! Esta mão não segura ou agarra. Ela é delicada, macia e muito meiga. Os dedos estão juntos e têm uma certa elegância. Toca gentilmente os ombros do filho. Ela quer acariciar, afagar e oferecer consolo e conforto. É a mão da mãe. Tão logo reconheci a diferença entre as duas mãos do pai, um novo mundo de compreensão se abriu para mim. O pai não é somente um grande patriarca. Ele é igualmente pai e mãe. Ele toca o filho com uma mão masculina e uma feminina. Ele segura, ela acaricia. Ele confirma, ela consola. (Nouwen, 2008, pp. 107-108)

Essa experiência emocional de aconchego, acolhimento e vitalização, tocou-me profundamente. Henri Nouwen, que foi um renomado teólogo, palestrante e professor de Harvard, entre outras funções, depois desse primeiro contato com um pôster do quadro *A volta do filho pródigo*, foi para a Rússia, e lá ficou muitas horas no Museu Hermitage apreciando cada maravilhoso detalhe do quadro e escreveu o belíssimo livro, em que fala dos aspectos humanos representados no filho pródigo, no mais velho e no pai que todos temos. Fala da sua experiência emocional, com base em uma vivência revolucionária, de como foi tomado por um turbilhão de sentimentos e pensamentos que o levaram a repensar sua vida e produzir um livro sobre essa frutífera e transformadora experiência.

Os vínculos emocionais funcionam como um alicerce para o pensamento, caracterizando a ligação entre continente e contido. Sem emoção não há conhecimento. A arte e a literatura têm essa função mobilizadora, uma vez que provoca intensas experiências emocionais, como nos momentos de profunda conjunção entre analista e analisando, imprescindíveis para que as transformações ocorram. O desafio da psicanálise é transformar a relação analítica – transferencial/contratransferencial –, inicialmente contratual, numa relação de intimidade emocional. O processo de construção da intimidade nessa relação mobiliza ansiedades e defesas que, no enfrentamento, possibilitarão maior desenvolvimento emocional.

O analista, ao acolher as identificações projetivas do paciente, vivencia até certo ponto uma negação da sua própria individualidade, como se deixasse de Ser ele naquele momento, para tornar-se aquilo que o paciente não está

podendo Ser. Espera-se que, num segundo tempo da intimidade, o analista possa resgatar a si mesmo, recuperar a sua capacidade de pensar, sua função analítica e transformar aquela experiência num momento de criação intersubjetiva de um “objeto analítico” portador de sentido psicanalítico para ambos.

Portanto, a arte da psicanálise consiste nessa capacidade de compartilhar espaços mentais secretos e proibidos, de maneiras aceitáveis pela civilização, com a perspectiva de ampliar as potencialidades dos participantes, produzindo novos sentidos e tornando suas vidas mais criativas e significativas.

Referências

- Boraks, R. (2002). Do íntimo à intimidade: ressonâncias de um percurso. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(4), 885-898.
- Furtado, G. (2018). *Entre o catastrófico e o criativo: a experiência emocional na vivência da intimidade*. Trabalho apresentado no XI Encontro da Diretoria Regional DA SBPSP.
- Levy, R. (2017). Intimidade: o dramático e o belo no encontro e desencontro com o outro. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(3), 111-132.
- Macedo, H. O'D. (2014). *Os ensinamentos da loucura*. Perspectiva.
- Minerbo, M. (1993). Intimidade e formas de intimidade: da escuta à teorização. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 27(2), 223-248.
- Nouwen, H. (2008). *A volta do filho pródigo*. Paulinas.
- Rossi, C. (2009). Arte e psicanálise: a construção do humano. *Ciência e Cultura*, 61(2).